

Cidades

VESTIBULAR DA UFES

Cotas para 20 mil jovens negros

FERNANDO RIBEIRO - 3/12/2010

Esse é o número de moradores negros de 17 a 20 anos no Estado. Reserva de vagas também vale para pardos e indígenas

Milena Souza

O sistema de cotas raciais adotado pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) no vestibular deste ano vai beneficiar mais de 20 mil jovens negros no Espírito Santo, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A universidade vai destinar parte de suas vagas exclusivamente para candidatos negros, de acordo com a lei sancionada pela presidente Dilma Rousseff no mês de agosto.

Candidatos pardos ou indígenas também terão vagas reservadas no processo seletivo deste ano nas universidades federais. No Estado, jovens entre 17 e 20 anos descendentes de negros e indígenas totalizam mais de 126 mil pessoas.

A porcentagem de vagas para cada etnia racial ainda não foi definida pela Ufes, que espera o Ministério da Educação (MEC) publicar uma portaria regulamentando a lei que estabelece as cotas. "Precisamos esperar a normatização do governo federal para saber quantas vagas por curso e por turno serão disponibilizadas para negros, pardos e indígenas. Por isso, ainda não lançamos o edital do vestibular", afirma o reitor da Ufes, Reinaldo Centoducatte.

A universidade chegou a pedir ao MEC para aplicar as cotas raciais a partir de 2014. Entretanto, foi obrigada pelo ministério a já implantar

a nova distribuição de vagas a partir do vestibular deste ano.

A nova reserva de cotas determina que 50% das vagas em universidades federais sejam destinadas para alunos da escola pública. Desse total, metade será para alunos com renda de até 1,5 salário mínimo (R\$ 933). A outra metade será repartida entre estudantes negros, pardos ou indígenas.

A Ufes usará a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) na primeira etapa do vestibular. Os alunos classificados farão a prova da segunda etapa nos dias 20, 21 e 22 de janeiro de 2013.

DIVISÃO

O sistema de cotas raciais gera polêmica entre professores e estudantes de cursinhos pré-vestibular e da própria universidade.

Para a professora da Ufes e pesquisadora na área de Educação Sandra Medeiros, estabelecer cotas usando qualquer justificativa é privilegiar pessoas em detrimento de outras. "Todos têm capacidade de entrar na escola. Não se deve levar em conta uma condição social ou étnica, mas a dedicação."

Já o universitário Alan Saver defende a aplicação das cotas raciais. "A condição social dos negros pede uma ação racial como as cotas."

OS NÚMEROS

3 e 4/11

são os dias do Enem (que vale como 1ª etapa na Ufes)

20 a 22/01

vai ser realizada a segunda etapa do vestibular da Ufes



A PROFESSORA SANDRA MEDEIROS diz que a dedicação do aluno é que deve ser levada em consideração



ESTUDO

"Cor da pele não é critério"

Beneficiado pelo programa de cotas sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), o estudante de História Edgar Nascimento, 18, é negro, mas não concorda com as cotas raciais. "A cor da pele não é critério de avaliação. Entrar na universidade é uma ques-

ção de estudo."

Ele acredita que as cotas sociais foram importantes para que entrasse na Ufes, uma vez que ele estudou em escola pública, mas não atribui isso ao fato de ser negro. "O nível da escola particular é maior do que o da pública."

Como vai ficar Critérios de renda e de raça



UFES

Como era

A Ufes utilizava o sistema de cotas sociais. A universidade reservava de 40% a 50% das vagas para alunos de escolas públicas com renda de até sete salários mínimos.

Como ficou

A Ufes vai usar também critério racial. A lei prevê a comprovação da raça por meio da autodeclaração. Assim, não há necessidade de apresentação de documentos.

COTA RACIAL

A porcentagem para cotas raciais varia para cada estado, definido pela proporção da população segundo o IBGE. Caso não haja candidatos suficientes para preencher as cotas raciais, as vagas remanescentes serão disputadas pelos outros candidatos de escolas públicas.

Polêmica em universidades

A reserva de cotas raciais já é aplicada em algumas universidades federais, como a Universidade Federal de Goiás (UFG) e a Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Entretanto, o critério de avaliação de cotistas pela cor da pele é um assunto que gera polêmica entre as instituições.

A Universidade de Brasília (UnB), adepta das cotas raciais desde 2004, aprovou o candidato Alex Teixeira da Cunha como cotista negro e reprovou seu irmão



OS GÊMEOS Alan e Alex Teixeira

gêmeo idêntico, Alan. A UnB revogou a decisão e considerou os dois irmãos como negros.

A Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) utilizará o sistema de autodeclaração, em que o aluno se classifica como negro, pardo, ou índio para se inscrever como cotista no vestibular.

"A questão é delicada do ponto de vista da comprovação. Mas, por enquanto, as universidades não têm autonomia para mudar esse sistema", afirma o reitor da Ufes, Reinaldo Centoducatte.

FALA LEITOR!

FOTOS: ALEX GOUVÊA/AT



JAMAIRA MELO, 16 anos, estudante

“Até hoje o branco é privilegiado em muita coisa. As cotas colocam brancos e negros no mesmo nível. Eu concordo com o novo sistema”



JENIFER MANTOVANI, 18, estudante

“As cotas levam a pensar que os negros não têm capacidade de entrar na universidade, o que não é verdade”



EVELYN REIS, 18, estudante

“A cor da pele não influencia a inteligência de ninguém. É preciso esforço para entrar em uma universidade”